

narrado por JANE FONDA

um filme de THIERRY TESTON

em colaboração com LISA AZUELOS

NAS SALAS
DE CINEMA
23 ABRIL

MAY WAY

A HISTÓRIA DE UMA CANÇÃO



FESTIVAL DE CANNES
2024 OFFICIAL SELECTION

My Way é muito mais do que uma canção. Esta partitura maior atravessou épocas, fronteiras e gerações. É um hino que se impôs como parte de nós próprios e se inscreveu duradouramente na história da música.

My Way é também uma das canções mais interpretadas do mundo, de Sid Vicious a Tom Jones, de Nina Simone a Pavarotti. No entanto, muitos desconhecem que nasceu em França, à beira da piscina da mansão de Claude François numa tarde de verão de 1967, e que uma sucessão de encontros fortuitos e noites em branco a conduziram através do Atlântico até àquele que a tornaria numa Lenda.

À semelhança de um biopic, o documentário *MY WAY* conta a história do nascimento de uma canção mítica e a forma como ela ascendeu ao panteão da cultura popular.



CRONOLOGIA DE "MY WAY"



Jacques Revaux compõe "For Me" e pondera oferecê-la a Hervé Vilard.

Jacques Revaux almoça no Moulin de Dannemois de Claude François e acaba por lhe dar "For Me".

Anka negocia os direitos com o editor Eddy Barclay.

Paul Anka escreve "My Way" numa noite e telefona a Sinatra de madrugada para lho dizer.

Um milhão de reproduções na rádio nos Estados Unidos.

Sid Vicious grava a sua versão de "My Way" no Olympia.

Claude François funda a sua editora, Disques Flèche.

Carl Cohen humilha Frank Sinatra no Sands.

"Comme d'Habitude" chega ao topo das tabelas francesas.

Sinatra grava "My Way" nos EastWest Studios em Los Angeles.

Primeiro concerto de despedida de Sinatra no Ahmanson Theater em Los Angeles.

Último verdadeiro concerto de despedida de Sinatra em Palm Desert.

Durante as filmagens de Tony Rome em Miami, Sinatra pede a Paul Anka que lhe escreva uma canção e anuncia a sua reforma.

"For Me" torna-se "Comme d'Habitude" e é gravada pouco depois.

O seu manager propõe a Bowie que escreva uma versão inglesa da canção, mas a sua demo, intitulada "Even a Fool Learns to Love", é rejeitada pela editora.

Lançamento de "My Way" na editora de Frank Sinatra, a Reprise Records.

Elvis Presley interpreta "My Way" no seu concerto Aloha from Hawaii.

Morte de Frank Sinatra.

Jacques Revaux conhece Claude François em Cannes, que o convida para almoçar.

Lançamento de "Comme d'Habitude"; Paul Anka ouve-a pouco depois na rádio.

Agitação política nos Estados Unidos e no mundo.

A canção atinge o número 27 no Billboard Hot 100.

Morte de Claude François, electrocutado na banheira.

Fevereiro

Início do Ano

Abril-Maio

Verão

Agosto

Setembro

Setembro-Outubro

Novembro

Dezembro

Fevereiro

Início do Ano

Primavera-Verão

Agosto

Dezembro

Março

Março

Dezembro

Junho

Janeiro

Março

final do ano

Fevereiro

Maio

1967

1968

1969

1970

1971

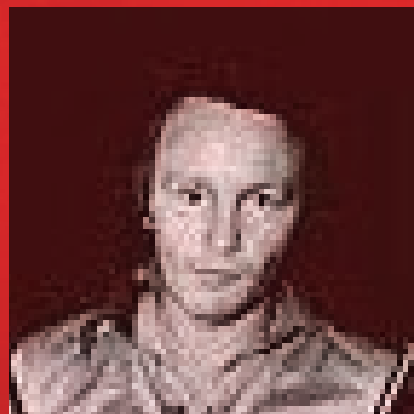
1973

1978

1995

1998

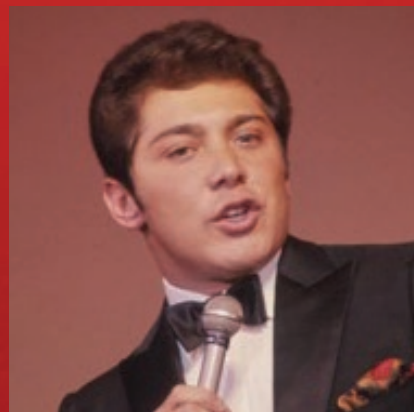
UMA CANÇÃO, MUITAS HISTÓRIAS...



JACQUES REVAUX
Compositor de "Comme d'Habitude", a melodia que viria a tornar-se "My Way".



CLAUDE FRANÇOIS
Co-compositor e intérprete de "Comme d'Habitude".



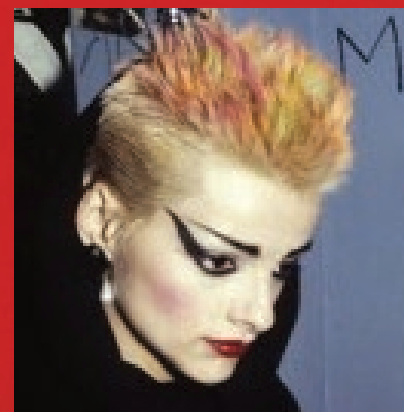
PAUL ANKA
Autor de "My Way", apresenta a canção a Sinatra.



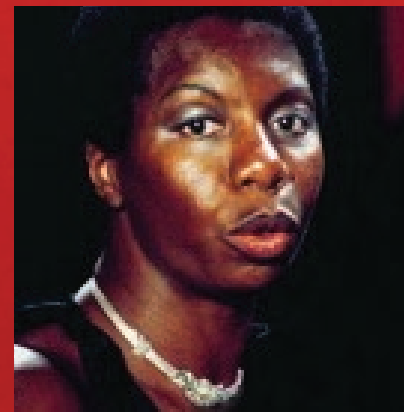
FRANK SINATRA
Torna-se o intérprete de "My Way" na sequência da proposta de Paul Anka.



AVA GARDNER
Actriz americana, ex-mulher de Frank Sinatra.



NINA HAGEN
Interpretou "My Way" durante a queda do Muro de Berlim e criou uma segunda versão punk da canção após Sid Vicious.

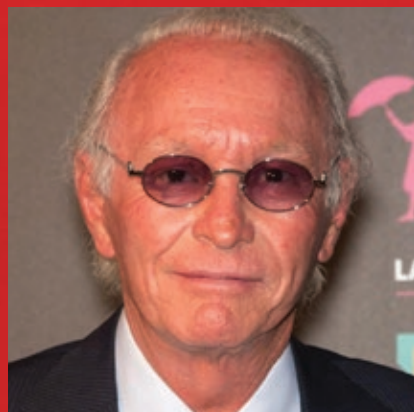


NINA SIMONE
Interpretou a canção em 1971, num período da sua vida em que estava profundamente envolvida no movimento pelos direitos civis.



FRANCE GALL
Cantora francesa que manteve uma relação com Claude François durante vários anos; ela inspirou a letra de "Comme d'Habitude".

ENTREVISTADOS



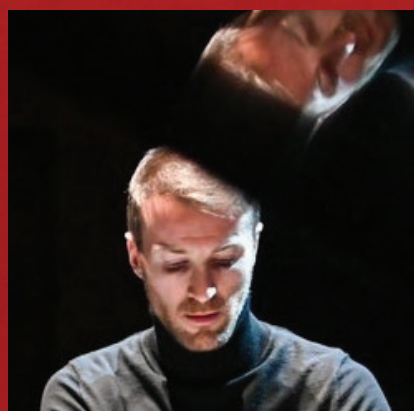
JACQUES REVAUX
Um dos “pais” da canção fala sobre “My Way” numa entrevista.



PAUL ANKA
O outro “pai” de “My Way” partilha as suas reflexões sobre a canção e sobre como tudo



SPARKS
Intérpretes de “When Do I Get to Sing “My Way””, uma canção que se tornou um título emblemático na



RIOPY
Pianista e compositor autodidacta, compôs variações para piano baseadas em “My Way”.



GABRIEL YARED
Compositor e arranjador, reconhecido por inúmeras bandas sonoras cinematográficas.



JANELLE MONAE
Artista musical, atriz e modelo norte-americana multi-premiada, a música de Monáe valeu-lhe seis nomeações para os Grammy Awards. Participou nos filmes “Moonlight”, “Hidden Figures” e “The Glass Onion” da Netflix. Janelle Monáe interpreta uma versão exclusiva de “My Way” gravada para o filme.



BEN HARPER
Intérprete de “My Way”, vencedor de múltiplos Grammy Awards.



SYDNEY SWEENEY
Actriz, conhecida pelos seus papéis em The White Lotus e Euphoria. É o rosto do perfume “My Way” da Armani.



JANE FONDA
A voz de “My Way”

NOTA DE INTENÇÕES

Quando Lisa me falou pela primeira vez na ideia de fazer um documentário sobre “My Way”, não fiquei imediatamente convencido de que uma única canção pudesse ser o tema de um filme. Ela conhecia a minha experiência com documentários e música e queria persuadir-me a embarcar no projecto com ela. Gostava da canção, mas tinha a imagem de um enorme êxito de Sinatra, regravado centenas de vezes com letras um tanto pomposas, um título reconhecido em todo o mundo cuja história todos conhecíamos. Uma canção de Claude François, adaptada por Paul Anka para Sinatra, que a transformou num dos maiores sucessos de todos os tempos.

Mas à medida que fui aprofundando a investigação e os diálogos, descobri verdadeiramente a história desta canção, desde a sua escrita em 1968 até aos dias de hoje, e compreendi a sua profundidade e natureza extraordinária. É uma história dentro da História, repleta de reviravoltas, com protagonistas tão incríveis quanto inesperados. É certamente uma história musical, mas com repercussões sociológicas e políticas em todo o globo.

“My Way” foi inicialmente o testamento de homens viris que olhavam para a sua vida sem arrependimentos: Sinatra, Anka, Tom Jones, Elvis, entre outros. Com Nina Simone, tornou-se o manifesto de uma mulher negra na América dos anos 70. Tornou-se um hino punk com os Sex Pistols na Inglaterra de Margaret Thatcher e, pouco depois, um hino da queda do Muro de Berlim quando Nina Hagen a cantou no concerto pela reunificação das duas Alemanhas. Mais recentemente, foi a canção favorita de autarcas como Trump, Putin ou Kim Jong Un. E, no entanto, é a mesma

canção com a mesma letra.

Tornou-se evidente para mim que contar a história de “My Way” era uma forma de narrar os últimos 60 anos a partir de uma perspectiva única. Dedicar-lhe um filme tornou-se então óbvio. Fiquei fascinado pela sua história e começámos a mergulhar nesta epopeia musical, à procura das suas complexidades e incongruências, que são numerosas. Conseguimos reunir centenas de versões e tentámos perceber como uma obra pode ressoar tão profundamente em todo o planeta.

Este trabalho permitiu-nos demonstrar que “My Way” abriu caminho a muitos outros títulos. Com a ascensão da internet e das redes sociais nas últimas duas décadas, assistimos a uma verdadeira globalização da cultura e a fenómenos virais recorrentes. De Taylor Swift aos Coldplay, de Beyoncé ao K-POP, vemos artistas e géneros a serem ouvidos em massa, alcançando um sucesso interplanetário.

No entanto, já no final dos anos 70, “My Way” teve um impacto semelhante. Foi um êxito global, ouvido na Ásia, na América do Sul, na Europa, espalhando-se sem o apoio de relés de comunicação, algoritmos, e mesmo antes de o termo “viral” ter adquirido o significado que conhecemos hoje. Esta canção tem, por isso, um poder único e marcou a história cultural com o seu percurso. Dediquei muitos filmes e reportagens à música e a artistas; posso dizer com toda a convicção que nunca encontrei uma canção com uma vida tão rica.

Entre os factos mais surpreendentes e menos conhecidos em torno da canção, quero destacar como, ainda antes de Claude François, também David Bowie tentou fazer uma versão dela. A sua versão foi rejeitada e, alguns anos mais tarde, incorporou as harmonias de “My Way” na sua canção “Life on Mars” como uma vingança pessoal.

Claro que é necessário mencionar também a figura de Frank Sinatra, de quem “My Way” é inseparável. Pretendo mostrá-lo sob uma luz ligeiramente diferente da imagem habitual do crooner. Se canta esta canção, é porque quer reformar-se.



Começa a ficar fora de moda com a chegada dos Beatles e dos Rolling Stones, as suas ligações à Máfia tornam-se cada vez mais problemáticas, sem falar das separações de Ava Gardner e depois de Mia Farrow, que o deixaram de coração partido, tal como um certo Claude François...

É assombroso ver como esta canção se funde instantaneamente com o destino de quem a canta.

Outra ambição deste documentário é partilhar, através da história de "My Way", uma fatia da história do pós-guerra com o maior número possível de pessoas. O meu objectivo é oferecer um filme que chegue a um público jovem, que talvez não conheça a canção ou ignore completamente a sua história ("My Way" é usado como música de fundo no TikTok, e é provável que muitos dos seus utilizadores não saibam de onde vem este título).

Fora deste público mais jovem, é evidente que em França, como em todo o lado, poucas pessoas conhecem as origens desta obra. "My Way" é uma canção francesa, composta por Jacques Revaux. O paradoxo mais forte é que "My Way" foi inicialmente "Comme D'habitude", uma canção de Claude François que contava a história de um homem destruído pelo fim de uma relação amorosa. Estava longe da versão de Paul Anka, onde um homem celebra a sua vida com orgulho.

Debruçar-me sobre esta fase de composição permite-me aprofundar o processo criativo, um tema de enorme importância e fascínio, especialmente se quisermos verdadeiramente compreender esta página da história musical. Permite-nos desenvolver e mostrar como a música era feita nos anos 60 e como evoluiu: a mesma melodia podia ter várias vidas de um país para outro numa era em que a música circulava apenas nas ondas de rádio e nos discos de vinil.

Para acompanhar esta narrativa, temos testemunhos preciosos que pontuam e comentam o material extraordinário fornecido pelos arquivos. Jacques Revaux, o compositor, partilha a sua incredulidade por ter composto uma melodia com um destino tão extraordinário. Paul Anka conta como a sua vida mudou quando ouviu "Comme d'Habitude" à beira de uma piscina durante umas férias em França. Gabriel Yared, o compositor e arranjador vencedor do Óscar e admirador

incondicional da melodia, explicará através da sua análise por que razão ela tem um efeito tão poderoso no ouvinte. Os Sparks também testemunham, explicando como viram a sua carreira revitalizada pela canção "When do I get to sing my Way".

Para além destas entrevistas, o filme apoia-se em arquivos verdadeiramente excepcionais que permitem esta viagem muito especial no tempo. Temos versões raras da canção, bem como imagens que ilustram todos os períodos que atravessamos, funcionando cada uma como um gatilho nostálgico. São precisamente estes arquivos que nos permitem uma montagem altamente ritmada, sustentada por uma estrutura cronológica que por vezes nos permitirá abandonar a cronologia para criar uma narrativa mais dinâmica e reforçar as motivações das personagens. Esta reescrita visa verdadeiramente orientar o filme para um documentário que apresenta uma história inesperada, arquivos menos conhecidos e os caminhos menos explorados em torno desta canção mítica.

Recrutámos o virtuoso pianista Riopy para compor uma banda sonora original baseada nas harmonias da canção, o que nos permitirá estar constantemente imersos na melodia sem dela nos cansarmos.

Para prolongar esta história de "My Way" e ilustrar como ela não tem fim, quis convidar artistas a oferecer-nos a sua versão de "My Way". Uma artista francesa e uma americana, Clara Luciani e Ben Harper. Ambos têm uma ligação muito forte com a canção. Sem se consultarem, apresentaram versões muito despojadas, com grande humildade. É com estas interpretações que o filme termina e a história de "My Way" continua.



IMPrensa

As múltiplas vidas da canção “My Way”. Documentário muito bem construído e instrutivo, que beneficia ainda da narração de Jane Fonda.

Narrada como um biopic pela voz de Jane Fonda, que a personifica, a canção vai atravessar modas, o tempo e os continentes simbolizando as influências mais diversas, para não dizer opostas. Escrita originalmente em 1967 para Claude François por Jacques Revaux, nascerá com o título de *Comme d’Habitue*. Notada por Paul Anka, que lhe escreverá a letra inglesa, atravessará o Atlântico para se tornar “My Way”. Tornar-se-á um êxito planetário quando for interpretada em 1968 por “The Voice”, o próprio Frank Sinatra.

Conhecerá depois vidas muito diferentes consoante os intérpretes que a escolhem: Nina Simone, que a transforma num hino; Sid Vicious (do grupo punk Sex Pistols), que a converte numa paródia provocatória; ou ainda Nina Hagen, por ocasião da queda do Muro de Berlim. Quanto a Paul Anka, continua incansavelmente a fazê-la viajar, especialmente perante ditadores, adaptando a letra à sua grandeza (!).

Hoje, sempre de vocação internacional, são o americano Ben Harper e a francesa Clara Luciani quem lhe dá um novo fôlego.

Os realizadores Thierry Teston e Lisa Azuelos (por sua vez autora do biopic Dalida) reconstituem, com rigor e malícia, a vida desta canção imortal tornada intemporal. A escolha de Jane Fonda para a voz off é também uma excelente ideia.

AVOIR-ALIRE | FABRICE PRIEUR | 25 DE SETEMBRO DE 2024 FESTIVAL DO CINEMA AMERICANO DE DEAUVILLE 2024

Ao narrar os ricos bastidores transatlânticos de 55 anos de uma das canções mais adoradas, bombásticas, gloriosas, melodramáticas e mais vendidas de sempre, “My Way” é um mergulho na história da música pop que se vê com enorme prazer. Os realizadores Thierry Teston e Lisa Azuelos apresentam este projeto conjunto, repleto de estrelas, como se fosse um verdadeiro biopic do hino crepuscular emblemático de Frank Sinatra, com Jane Fonda a assegurar a narração em voz-off como se fosse a própria consciência autoconsciente da canção. Felizmente, há aqui tantas reviravoltas dramáticas e tantas figuras conhecidas que a dupla de realizadores consegue, na maior parte do tempo, fazer funcionar este conceito fantasioso. Estreado em Cannes, este documentário francês, leve mas geralmente cativante, foi exibido esta semana no Mediterrane Film Festival, em Malta, e deverá encontrar um público futuro saudável graças ao elenco de celebridades e ao tema de popularidade universal.

O modelo francês original de “My Way” foi *Comme d’Habitue* (“Como de Costume”), uma balada de separação muito mais melancólica, coescrita pelo cantor Claude François, pelo letrista Gilles Thibaut e pelo compositor Jacques Revaux. No final dos anos 1960, quando ainda era um compositor contratado em Londres antes da fama, o futuro superastro do rock David Bowie escreveu uma primeira versão da letra em inglês para a canção, rebatizando-a *Even a Fool Learns to Love*, mas os editores rejeitaram a proposta. Em resposta, Bowie escreveu o seu próprio êxito inicial, dramaticamente exuberante, *Life on Mars*, baseado numa melodia semelhante.

Mas foi o cantor e compositor canadiano Paul Anka quem encontrou ouro, depois de comprar os direitos de “My Way” ao editor francês, alegadamente por um dólar. Depois acrescentou-lhe uma letra em inglês sobre um homem cansado do mundo, que olha para trás na sua vida com um orgulho desafiador, peito feito. A pedido pessoal, Anka moldou essas palavras para o seu amigo Sinatra, que planeava reformar-se após um último álbum de despedida. De facto, Sinatra enfrentou a sua “última cortina” em 1971, mas rapidamente se tornou inquieto. A meio da década de 1970 voltou a fazer digressões e a gravar, em parte como resposta ao enorme sucesso de “My Way”, que revitalizou a sua carreira. A canção tornou-se, durante décadas, presença obrigatória nos concertos, ao ponto de Sinatra se fartar dela. Felizmente para os realizadores, dois dos autores originais da canção, Revaux, de 83 anos, e Anka, de 82, continuam vivos para partilhar em câmara as suas memórias. François e Sinatra também

surgem extensivamente no filme em imagens de arquivo, com Bowie a fazer ainda algumas breves aparições. Outros artistas que interpretaram a canção ao longo das décadas – ou que até escreveram canções sobre “My Way”, como é o caso da veterana dupla cult art-rock Sparks – aparecem num coro rotativo de comentadores e especialistas.

“My Way” é um testemunho do poder transgeracional e da capacidade de adaptação de uma única canção, evoluindo de balada francesa amarga para hino triunfalista totalmente americano, clássico de karaoke, escolha habitual em casamentos e também em funerais. Pelo caminho, inspirou milhares de versões de artistas tão diversos como Elvis Presley, Shirley Bassey, Tom Jones, Willie Nelson, Gipsy Kings, Robbie Williams, Nina Simone e Sid Vicious. Mesmo que a demolição ruidosa feita pelo cantor punk tenha sido um gesto iconoclasta, funcionou também como uma crítica satírica e espirituosa à arrogância empolada da letra, merecendo elogios calorosos de Leonard Cohen e de outros. Mas a releitura jazzística, nervosa e explosiva de Simone é a inclusão mais radical do filme, e salta realmente do ecrã.

Notas falsas? “My Way” tem algumas. Mas, por outro lado, são poucas de mais para mencionar. Bem, talvez só uma ou duas. Para começar, demasiado do tempo de duração, já de si reduzido, é gasto no registo de duas novas versões da canção, por Clara Luciani e Ben Harper, ambas bem executadas, mas inócuas e supérfluas. Ao mesmo tempo, uma subtrama macabra sobre uma série de homicídios ocorridos no século XXI nas Filipinas, desencadeados por más interpretações de “My Way” em bares de karaoke, merecia o seu próprio documentário autónomo. Aparentemente uma forma extrema e inédita de crítica musical, estes assassinatos justificariam uma análise cultural muito mais aprofundada do que aquela que Teston e Azuelos conseguem oferecer.

Teriam sido também bem-vindas reflexões mais profundas sobre as dimensões políticas e sociais da canção. Por exemplo, é bastante claro por que razão a sua mensagem central de individualismo machista tem atraído, desde há muito, tiranos homicidas e narcisistas alfa, de Slobodan Milosevic a Vladimir Putin e Donald Trump. Mas as imagens embaraçosas de Anka a cantar “My Way” para um Putin sorridente, incluindo uma letra personalizada e servil, exigiam uma desmontagem crítica muito mais aprofundada do que aquela que recebem neste filme entretido, mas excessivamente polido.

THE FILM VERDICT, STEPHEN DALTON, 26 DE JUNHO, 2024



FESTIVAIS E PRÉMIOS

2025 ▪ FIFA - Festival Internacional do Filme sobre Arte ▪ Montreal (Canadá) ▪ Seleção oficial longas-metragens

2024 ▪ Festival de Cannes ▪ Cannes (França) ▪ Cinéma de la plage

2024 ▪ États généraux du film documentaire ▪ Lussas (França) ▪ Jornada Sacem

2024 ▪ Sacem ▪ Paris (França) ▪ Prémio Sacem do melhor documentário musical

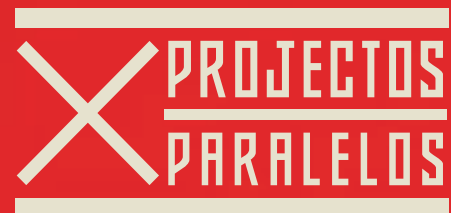


CONTACTOS

LOU LOUÇÃO / DISTRIBUIÇÃO

distribuicao@zeroemcomportamento.org


ZERO
EM COMPORTAMENTO


PROJECTOS
PARALELOS

zeroemcomportamento.org



Mediawan rights | **HIGHSEA**

 **WARNER**
MUSIC
ENTERTAINMENT

CANAL+

THEMATICS
PROD

 **REPÚBLICA**
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

 **ICA** INSTITUTO DO CINEMA
E DO AUDIOVISUAL